



JORNAL



Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.



MODAS



Não vos surpreenderá por certo, querida leitora, dizer-vos eu que a semana inteira não nos offereceu novidade alguma do mundo das modas elegantes, pois que bem sabeis quanto o mez de Setembro é estéril de novas creações para a presente estação.

Podemos-lhe chamar o mez de transição das modas.

Em Paris não acontece outro tanto. A' esta hora o inverno preside os destinos da moda, determina seus diversos *toilettes*. As novidades de talhe e fórmulas encantadoras multiplicão-se de variadas e elegantes creações perfectas e delicadamente executadas pela mão engenhosa das — Gagelin, Plé Horain, Laurence, Clemençon, etc. Os lindos e brilhantes estofos *des Villes de France*, tecidos, estampados, acolchoados, de um desenho e trabalho primoroso, apresentão-se magnificos aos olhos experientes do mundo elegante. Os delicados fantasticos ornamentos, as joias valiosas e adoraveis da casa Lemmonier e C.^a fascinão com o scintillante luzir dos bem lapidados diamantes, das esmeraldas entre perolas e rubins; as joias de cabello tão geralmente estimadas; os enfeites de mil fórmulas galantes; tudo apparece

gracioso e bello. O Bom-tom envolve-se nas macias pellucias de seus *manteaux*, e caminha ligeiro, ou aquece ao vivifico calor dos soberbos e marmoreos fogões o mimoso corpo perfumado nos suaves aromas das sedas e lãs passadas pelos brunidos cabides de um guarda-vestidos de bom gosto. — Eis a estação dos bailes, dos theatros e dos *soirées*.

Abrirão-se as portas dos immensos salões; a scena reapareceu cheia de novidades; tudo é bello, é encantador, porque o mundo parisiense não frequentou — doze mezes de bailes successivos — doze mezes de theatros — doze mezes de *soirées* — doze mezes emfim dos mesmos divertimentos todos os dias.

Entendeis o que quero dizer: os *Parisienses* não têm o nosso gosto, e não imitam o que é bom — é esta a conclusão.

Apesar porém desse gosto, que eu disse nosso, mas que é sómente privilegio do rancoso uso dos filhos ou netos dos amadores do *Alecrim e Mangerona* da antiga Casa da Opera, a boa sociedade, comprehendendo a necessidade de uma existencia confortante, suave e variada, principia a affastar-se dos salões, dos theatros e do centro da

cidade, para as chacaras e os pittorescos arrabaldes da côrte, onde melhor pôde fruir o ar livre e desabafado da pesada atmosphera das salas e quartos encravados nas empoeiradas ruas da côrte.

O trajar é simples e leve como são os adornos e enfeites da estação. O mundo elegante fluminense perfeitamente comprehende as exigencias do toucador, e sabe hoje distinguir as estações do anno pelo seu apropriado trajar. Eu tenho a mais rebusta esperanza de que será elle em parte o correctivo de certos costumes antigos que estão hoje reconhecidamente tidos e havidos por anti-sociaes, e que bem cedo firmará, não direi a moda, mas o gosto da moda para cada uma das nossas estações.

Neste verão, estou que depois da noite do dia 2 de Dezembro anniversario natalicio de S. M. o Imperador, os theatros, sobre tudo o lyrico, serão pouco frequentados pelo Bom-tom, e.... mesmo por todos aquelles que sentem calor, e que não troçam o seu bem-estar pelas notas repetidas de *vozes de todo o anno*, ou pelas suadouros de theatro em noites de verão que lhes escaldem a pelle.

Vós, querida leitora, e todas as mais senhoras que se preparão para a partida do campo, apreciareis a folha de diversos debuxos de bordados que vos offerço hoje. Juntos aos muitos outros, que por certo tereis, completarão, uma sufficiente colleção de desenhos, em cujos bordados algumas horas talvez vos empregueis com gosto.

O bordado a chrochet principalmente, é um agradável companheiro para as horas isoladas, ou mesmo para as passadas noites enfadonhas, cujo tempo não permitta a reunião da alegre e familiar companhia do campo. Que de cousas bonitas, delicadas e úteis não se fazem deste bordado, mesmo rindo e conversando!

Conheceis o *ponto d'armas*: é um dos mais delicados e lindos bordados que eu conheço; faz-se em-nósinhos todo elle, e produz um bello effeito nos meios e cantos de lenço sendo acompanhado de *ponto real* para que o bordado seja completo.

Não vos fallarei dos diversos trabalhos de *ponto de marca* e das lindas obras de lá, porque de tudo isto estais bem ao facto, e poucas são hoje as senhoras que não sabem fazer um ou outro destes trabalhos.

Passemos a ver a folha dos debuxos.

EXPLICAÇÃO DO PADRÃO DE BORDADOS.

N.º 1. — Debuxo para formar um peitilho de filô bordado de applicação de caça com *ponto de cadeia*.

N.º 2. — Molde e debuxo de metade da peça das costas de uma camisinha de caça bordada a *ponto real* e *festão*.

N.º 3. — Metade da peça da frente da mesma camisinha.

N.º 4. — Bordado para lenço, a *ponto real* e *festão*.

N.º 5. — Uma ponta de touca bordada em *festão*.

N.º 6. — Entrêmeio de bordado a *ponto real*.
N.º 7. — Entrêmeio de *festão* e *ponto d'armas*.

N.º 8. — Casa de peito de camisa de homem bordada a *ponto real*.

N.º 9. — Entrêmeio para punhos bordado a *ponto inglez*.

N.º 10. — Bordado para canto ou meio de lenço a *ponto real* e *ponto d'armas*.

N.º 11. — Canto de lenço bordado no mesmo gosto.

N.º 12. — Cantos de lenço, a *ponto real*.

N.º 13. — Ramo de flores de lãa.

N.º 14 a 17. — Representão os moldes das folhas para fazerem-se as flores de lãa.

N.º 18. — Bolça bordada a *crochet* com saquinho de tafetá.

N.º 19. — Modelo para entremeios bordados a *crochet*, *ponto quadrado*.

N.º 20. — Cantos de lenço bordados a *ponto real* e *festão*.

O nome AZEMIA e as letras — F — R — S — V — X — W — são bordados a *ponto real*.

As letras — A — B — C — D — E — são de *ponto de festão*,

Cattete, 25 de Novembro.

Christina.

ROMANCE.

UM AMOR DE MULHER.

(Continuado do n.º 42.)

VI.

Se arrependimento matasse, minhas leitoras, eu já devia ter morrido no decurso da tarefa que emprehendi de narrar o tal facto passado em Pernambuco, porque o nosso romancista é muito preguiçoso.

A prova mais evidente disso, é que em Junho começou elle a contar-me o tal romance, já estamos em fins de Setembro, e a tal *marmellada* ainda não está acabada. De modo, que o primeiro dialogo academico que reproduzi — se fosse lido hoje — teria muitas inexactidões, porque a Paulicéa tem caminhado a passos de gigante no caminho da civilisação. Entre outros factos que o demonstrão apresento a creação do baile *Casino Paulistano*, que teve logar em Agosto, cujos directores são dous lentes da academia.

Mas o nosso romancista marca-me muitas vezes um dia para ouvir-o, e volto para casa sabendo tanto do romance como na vespera.

Hoje, por exemplo, não tenho outro remedio senão occupar minhas leitoras, com dialogos academicos, onde colherão noticias de S. Paulo, se bem que tardias, para não descostumal-as a

ler alguma cousa do maçante X Y; o que não faria se não tivesse também a persuasão de que o *Jornal das Senhoras* não é somente das Fluminenses, mas também das Paulistas e das outras Brasileiras.

Não ficaram porém, minhas patricias, aborrecidas commigo, porque lhes prometto, pelo menos, uma noticia interessante: é a primeira que não de sabê-la, como eu a soube.

Estava o romancista com seu inseparavel companheiro em casa de uma familia, em Santos, cidade distante da capital desta provincia onze legoas.

— O que ha de novo por S. Paulo, perguntou uma linda Santista, que estava sentada junto d'elle, que por narreco tinha empurrado o pobre do companheiro para a velha, a qual fazia ao penitente a mesma pergunta.

A resposta de ambos foi a mesma em diversas palavras. Eil-a.— Tudo é velho, minha senhora, á excepção do casamento da neta da Exm. Sra. marquez de Santos com o estudante do quinto anno, José Soares Teixeira de Gouvêa; e o da filha do Sr. Garcia com o estudante do mesmo anno, chamado Landolfo, que creio ser filho da Bahia!

Quem souber da rivalidade que existe, entre as Santistas e as Paulistas, adivinhará que essa noticia não havia de agradar muito á mocinha de Santos, porque casamento é cousa que indica belleza ou sympathia — comquanto algumas vezes também indique dinheiro.

Ella disse, em cima dos pés, com um accento de despeito na voz, como que fazendo uma recriminação ao estudante.

— Os senhores todos casão-se em S. Paulo!

— Pois eu tenho a culpa, respondeu o estudante, riado-se.

— É que os senhores todos rezão peia mesma cartilha.

— Quanto á mim enganou-se, porque não posso decorar as orações que ensinão os olhos das Paulistas — Nos bailes aprendo-as com facilidade — mas no dia seguinte estou um herege completo.

— Deixe-se disso; o Sr. falla assim de hypocrita: eu aposto como não chega ao fim do anno solteiro.

— Quanto perde?

— Perco uns parabens á sua noiva.

O estudante comprehendeu perfeitamente o espirito da Santista; mas deu-lhe um geito, e foi respondendo deste modo.

— Não pensei que tinha tanto interesse em que eu não me casasse....

— E quem lhe disse isso?

— A sua palavra perder parabens a minha noiva, — se eu me casasse; porque, quem perde é sempre contra vontade; faça a applicação e veja, se eu não tenho razão.

— Ah! foi assim que entendeu! Pois o que eu quiz dizer foi, que daria uns parabens falsos á sua noiva, ou por outra; uns pezames.

O que valeu ao romancista foi que a velha dirigiu-se á elle, induzida pelo companheiro, que aproveitou-se dessa occasião para inter com a mocinha.

Trocáráo-se as bolsas, e a conversa rolou sobre tanta cousa enfadonha, que deixou em silencio. Ás dez horas da noite retiráráo-se para o hotel os dous companheiros, e ahi teve logar uma curta palestra entre elles, deitados cada um em sua cama, cansados da viagem e da maçante séca da dona da casa, que foi de valer.

— Qual é a tua opinião: as Santistas são mais lindas que as Paulistas? perguntou o romancista.

— Não em these; respondeu o outro.

— Vestem melhor?

— Distinguo.... mas, a fallar a verdade, ainda não estudei esta questão.

— São mais espirituosas?

Ambo virentes a tate — *arcades ambo* — que no nosso caso, quer dizer, que são iguaes.

— São mais agradaveis?

— *É defeito*, que não possuem, salvo melhor juizo. Reconheço, contudo, muitas excepções.

— Não me admiro, disse o romancista, que eu gaste o tempo em fazer perguntas, e tu em dar respostas; mas do que pasmo é da materia futil sobre que versa o nosso dialogo.

— Deixa lá fallar, que é o teu fraco, respondeu o companheiro.

O assumpto mulher, não é tanto uma futilidade que nos arrependamos de occupar nossa intelligencia com elle: eu o prefiro....

Ip! Ip! uhrra...!

O estudante pôz-se a gritar como um possesso, porque conheceu que o romancista tinha adormecido. Tendo conseguido seu fim, que era acordal-o, virou-se para o lado da parede ao som de uma dessas descomposturas espantosas. D'ahi a dous minutos dormião a somno profundo.

Depois disso só os vi em S. Paulo a 8 de Setembro. Um d'elles estava doente e perguntava a uns tres que lhe rodeavão a cama — o que tinha havido no dia 7 — o grande dia da Independencia Nacional.

— De manhã, respondeu uma voz, não houve parada, nem moças na janella, nem chuva.

— De tarde, respondeu outro, houve festejo em anniversario da inauguração da nossa sociedade academica — o *Atheneu Paulistano* — recitáráo poesias, o Froes, o Leonel de Alencar e o Andrada Machado; discursos, o Corrêa de Sá, o Vianna, o Castro Silva, mais dous ou tres de quem não me lembro, e o orador do *Ensaio Philosophico*.

— E de noite, respondeu o terceiro, houve theatro em grande gala. O presidente deu os vizes do estylo: os comicos cantáráo o hymno nacional — e recitáráo poesias: o Leonel de Alencar, o Andrada Machado, o Varejão, o Felix, o Benicio, e sem ser estudante, somente o Soares.

— Houve um enthusiasmo que electrizava, mas os olhos das moças electrizavão ainda mais que o echo do grito — Independencia ou Morte.

— Quem era o anjo, ou estrellas, ou rainha do theatro? perguntou o doente.

— Era uma moça, respondeu o romancista, de bandós negros como veludo; uns olhos pretos que tem de dar contas a Deus das mortes que tem feito; um desses semblantes morenos que esta-

tuário algum, ainda moldou, porque não ha mar-
more cõr de jumbo, nem cinzel, que trace fór-
mulas tão lindas, que talhe principalmente uma
boca tão engraçada; enfim, um collo e uma ciu-
tura, que Murillo invejaria para o seu modelo do
corpo castelhano.

— Deixaste-me na mesma, disse o doente:
pela tua descripção, lembrei-me de Julieta de
Romeu. Deixa-te por consequencia de rodeios, e
dize claramente quem foi.

— Pois bem, vou-te dizer: foi quem tem oc-
cupado a frente do camarote maior do theatro
nas noites que lá tens ido.

— Ah! já sei, respondeu o enfermo: e a sua
inseparavel amiguinha não foi?

— Se tivesse ido, teria dito que havião dous
anjõs — duas estrellas — ou duas rainhas nessa
noite.

— Responde-me mais; que drama levárão á
scena?

— Os Sete Infantes de Lara.

— Estou satisfeito. Mósate, que quero des-
cançar.

O romancista, que era o unico que estava no
quarto do doente, obedeceu ao seu pedido — e
sahiu.

No dia 25 de Setembro, porém, encontrei o meu
doente no baile do Cassino Paulistano — são como
um péro. Perguntei-lhe pelo romancista; elle
voltou-se, e mostrou-me no meio do salão um
moço de luneta no olho, que contemplava, quasi
estatico, duas lindas mocinhas, de quinze annos,
de toilette branco, que passeiãvõ juntas.

Approximei-me; e quando ia a bater-lhe no
hombro, um toilette, cõr de rosa, parou de fronte
delle, e disse-lhe rindo-se:

— Que furiosa constipação?!

O romancista respondeu sem alteração.

— É mal que me persegue desde menino; já
está chronico.

— Mas esta, que lhe está dando o estado de
cataleptico, o senhor pilhou-a hoje neste baile;
recommendo-lhe pois um suador.

— Não gosto do systema allopathico para cu-
rar-me desses incommodos; acho o homeopa-
thico mais efficaz —, porque os olhos de uma
destroem os effeitos dos olhos da outra; *similes
similibus curantur*.

— Sim, senhor, vai passando muito bem; mas
eu hei de arranjar-lhe uma intriga no Rio de
Janeiro que....

— Não lhe acreditarão; e além disso é falso.

— Então deu agora em magnetisador?

— Não tenho força magnetica; isso é bom para
seus olhos.

— Posso dizer isso mesmo á alguém?

— Póde. Não faço mais que pagar na mesma
moeda.

A moça retirou-se, e eu então cheguei-me ao
estudante.

Nem me deixou fallar; foi me apertando o
braço danadamente, e dizendo cheio de enthu-
siasmo: « Vês aquella ondasinha de cristal que
lá vai correndo pelo salão?...

« Fica para depois, respondi eu, o que eu
qu'ro saber é quando continuas a contar-me o
romance.

« Que maçada e que maçante! Mas, cu te
contô aqui mesmo o Capitulo VI.

Procurámos duas cadeiras n'um canto do baile
e sentámo-nos.

« Antes de começar, disse-me elle, quero-te
fazer uma pergunta.

— Que não seja muito complicada.

— Qual das duas é mais boniñiua?

— É problema que inda não pude resolver.

— Não se parece uma dellas com Julia, e a
outra com Cecilia?

— Já não me lembro da descripção que fizeste
de ambas.

— Ora, com effeito! Não tenho dito tantas
vezes que erão moreninhas, de olhos languidos,
esbeltas, espirituosas....

— Não precisa zangar-se; mas advirto-lhe que
já me fez mais de uma pergunta, e por conse-
quencia comece.

— Agora não posso, emquanto ellas dançarem
a schottisch juntas — não me falles em romance.

Realmente encantava contemplar essas duas
pombinhas voando pela sala entrelaçadas — asse-
melhando duas nuvesinhas que a brisa da manhã
leva reunidas pelo horisonte illuminado pelas
lampadas da aurora!

Só depois que terminárão, é que o louco do
romancista pôde coordenar as idéas, como quem
sahe de um sonho doce, e continuar essa maldita
narração, que está me parecendo interminavel.

Eil-a com todos os seus desnexos — desculpa-
veis, porque foi feita n'um baile.

« Não sei por onde começar este capitulo, disse
elle, estou atrapalhado! Hoje necessariamente
hei de entremear alguma cousa de pura imagi-
nação, que em bom portuguez, quer dizer, que
hei de te empulhar com alguma péta — das taes
chamadas *carrapetão*.

« Mas.... vá lá, escuta.

(Continua.)



POESIA.

NÃO QUERO VÊ-LA.

Não quero vê-la p'ra não ter em troca
De meu primeiro e tão querido amor,—
Um riso de desprezo que torture
Meu triste coração morto de dor.

Não quero vê-la p'ra esquecer-me della,
P'ra deslembrar-me de sua linda imagem;
Seus olhos podem mais que meus protestos,
M'importião — si os visse — vassalagem.

Não quero vê-la p'ra guardar no peito
Uma eterna saudade deste amor;
Si a visse escarnecer de meus tormentos
Talvez só me restasse a minha dor.

Não quero vê-la — não, já soffri muito
.... Ao menos viverei n'uma incerteza,
Não quero ler no seu olhar tão bello
Um escarnico que offenda-me a tristeza.

Oh — mas quantas saudades tenho della!
Não seja embora a mesma qu'era outr'ora!
Só vi-lhe a sombra ás luzes do crepusc'lo
E meu amor é dessa sombra agora.—

Mas quem sabe, meu Deus, si atroz calúnia...
— Si convenci-me d'uma falsidade,
Si virá por despeito desprezar-me,
Quando o tempo mostrar não ser verdade..!

Pois bem, eu heide vê-la inda algum dia
— Contemplal-a no baile descuidosa;—
Ella bem sabe qu'inda eu amo-a muito,
Que é triste a minha vida e dolorosa.

Rio de Janeiro — Novembro de 1855.

X. Y.

A PENSATIVA.

Oh! como é bella a nuvem da tristeza
Que um pouco empana o brilho de seus olhos
E murcha-lhe o sorriso.

(S. GUIMARÃES.)

Porque é que assim te cáe a fronte, ó virgem,
Sobre a neve do collo entristecida?
Tu que nas galas do prazer em risos
Com teus sonhos d'amor douras a vida?

Porque é que a mão nas faces — os olhos baixos,
Tão muda, e só assim deixas o mundo?
E quando no bulicio a terra agita-se
Te absorves nesse extasi profundo?

Nunca te vi assim, cysne sem mancha,
Tão mudo a contemplar da vida o lago!
Em teu silencio de pezar, de scismas,
Tens um celeste encanto, um rosto mago.

Pulsa-te o coração oppresso em dôres,
E não gemes sequer, pobre-innocente!
Tua alma, inda tão pura, é como o lirio,
Que pende aos raios d'ouro do poente!

Melancolica virgem, talvez choras,
Talvez nas faces te desliza o pranto;
Oh! que eu não possa te entendendo as magoas,
Verter d'entro em minha alma o licor santo.

Ergue um pouco o semblante — além na esphera
O azul do Céu se ostenta em seus primores,
O sol dardeja ardente — é alto dia,
Só tu-langueces — virgem dos amores!

Rosa candida, aberta ás luzes d'alva,
Inda ha pouco te vi sorrindo a vida,
Como essa estrella d'alva entre vapores
Sobre o berço d'aurora adormecida.

Volta, pois, a teu Céu de mil estrellas,
Ao sol ardente que desperta amores;
Volta sim para a vida, que a tristeza
É da morte o umbral envolto em flores.

E ella, a rosa, que expandiu perfumes,
E como a terna e debil sensitiva;
Nem me attende sequer — languida scisma
Em seus arcanos d'alma — a pensativa!

COSTA CARVALHO.



Um Ministro de Estado.

Lê-se no *Correio Mercantil* o seguinte commu-
nicado, que nos é muito agradável transcre-
vel-o em o nosso Jornal, certas de que o fazen-
do, não poderemos offender a delicadeza do varão
honesto quando nos ufanamos de suas nobres
acções.

« Seo facto que vamos expôr, não fosse presen-
ciado por muita gente, de certo não o fariamos
agora publico, por temermos offender a modes-
tia de quem o praticou; mormente sendo passa-
do em reserva e sem a menor apparencia de os-
tentação ou revelação de seu autor, virtude esta
bastante rara em um ministro d'estado.

Um pobre pescador, vindo em sua canôa da
Ilha do Governador, não pôde resguardar-se á
tempo de ser abalroado por um escaler de navio
de guerra, e virando perdeu-se com todo o peixe
e mais preparos de pescaria que trazia.

Sendo salvo pelo mesmo escaler, este homem
chora sua desgraça e a sorte de sua infeliz fami-
lia composta de sete filhos, e procura obter uma
indemnisação para poder viver, visto ser aquella
a sua unica fortuna. Faz um requerimento em
que pede reparação de tal prejuizo, e vai em pes-
soa fallar ao ministro; este o recebe em sua au-
diencia com todo agasalho e como se estivesse
fallando a um homem de outra esphera. Acanha-
do a principio por um tal recebimento, se enco-
rta ao depois com as palayras de bouhomia que

lhe são prodigalizadas, falla, expõe a miúdo todo o occorrido, não se esquecendo até de relatar os preços, por que tinha comprado sua rede e anzões, e que trazia mais 640 rs. em cobre:

O ministro o ouve com a maior attenção, e comovido lhe assegura o prompto deferimento de sua pretensão, e mettendo as mãos em suas algibeiras lhe dá uma quantia avultada para sustentar sua familia, até final decisão de seu requerimento!

O pobre do pescador, desconhecedor de tanta bondade e humanidade, chora de alegria, sahe e a todas as pessoas que estavam fóra da sala relata o acontecido, e abençoa o protector de sua familia.

O requerimento é logo posto em andamento, e em breve este homem receberá o importe de seus prejuizos.

É não será isto um acto digno de ser relatado ? »

Significação de alguns nomes femininos.

Anna, ou *Annak*: do Hebreu, quer dizer — Favorecida.

Barbara: este nome deve considerar-se como uma excepção da regra de que os nomes nascêrão dos bons desejos dos pais. Se é derivado do latim, não é nome para se desejar: pôde ser que o genio desse causa a semelhante nome, como é natural que o de *Peregrina* fosse dado a alguma estrangeira.

Branca: nome francez, que quer dizer — Formosa.

Catharina: do Grego, quer dizer — Pura.

Clara: nome latino, que pôde ter sido dado a uma *Bella em côr* ou de *sangue illustre e nobre*.

Dorothea: tirado do Grego — *Belleza da Grecia* — com derivação do antigo nome deste paiz que se chamava *Helas*.

Ignês: deriva-se do Grego, e quer dizer — Casta.

Izabel: Hebraico, quer dizer — Juramento de Deus.

Joanna: assim como *Juno* foi designado por alguns autores, como o sol, assim este nome feminino pôde designar — *Bella como a lua*.

Laura: talvez do latim — *Viçosa como o louro*.

Luzia: do latim, *luzir*, e synonymo talvez de *Clara* e *Branca*. O nome de *Luzia*, por certo, que é o mesmo em sentido.

Lydia: nome Asiatico, que bem provavelmente quer dizer — de notavel belleza.

Margarida: do Grego, quer dizer — Perola.

Martha: nome Syriaco, quer dizer — Mãe de familia.

Priscilla: do latim, quer dizer — Pequeninna velha.

Rebeca: do Hebraico, quer dizer — Gordinha.

Rosa: garbosa como a flor deste nome.

Sarah: nome Grego, quer dizer — Prudente.

Suzana: Hebraico, quer dizer — Lirio.

O quadro do Hymeneo.

Certo pintor fazia um quadro para um joven amante. « Quero, lhe dizia este, que seja adornado de todas as Graças: lembrai-vos sobretudo de que o Hymeneo deve ser ainda mais bello que Adonis. É necessario que tenha na mão um facho mais brilhante que o do Amor: finalmente fazei um esforço de imaginação, e ficai certo de que o painel vos será pago segundo o trabalho que com elle tiverdes.

O pintor conhecia a generosidade do noivo, e procurou todos os meios de o satisfazer. Na vespera do dia do casamento lhe apresentou o seu quadro. »

O nosso amante, examinando-o, não ficou satisfeito.

— Falta a esta figura, dizia elle ao pintor, certo ar alegre, certas bellezas... um não sei que... finalmente, que eu não posso explicar, mas que sinto bem. Oh! neste quadro não reconheço a idéa que faço do hymeneo. A obra é mediocre, e portanto mediocrementemente será paga.

O pintor, que tinha tanta subtilidade de espirito como habilidade na sua arte, immediatamente tomou o seu partido. « Na verdade, senhor, que tendes motivo para não estar contente do meu quadro: esse motivo é evidente, é por não estar ainda perfeitamente enxuto; as tintas ainda estão humidas, e devo confessar-vos que as cores que emprego nas minhas pinturas não produzem o seu effeito logo aos primeiros dias. D'aqui a algum tempo vos apresentarei este quadro, e então m'o pagareis segundo o estimardes; e estou certo que ficareis contente: adeus, senhor; não aceito por ora o vosso dinheiro. »

O pintor levou o quadro, o casamento fez-se no dia seguinte, e passadas algumas semanas appareceu de novo o pintor trazendo o seu quadro: o joven esposo se admirou de vel-o! « Cumpriste a vossa promessa, meu rico amigo; na verdade quasi que não acreditaria que era este o mesmo quadro!... Dissistes muito bem que as vossas cores se fazião mais brilhantes com o andar do tempo; e não posso deixar de admirar a vossa habilidade; porém não deixarei tambem de dizer-vos que a cara do noivo está demasiadamente alegre, os olhos vivos de mais, parecem os de um amante; e parece-me que me não enganarei se vos afirmar que os fogos do hymeneo devem ser menos brilhantes que os do amor. Além disto a attitude desta figura tem certo ar livre, certo ar de desenvoltura que a não caracteriza cabalmente. Emfim, para vos dizer os meus verdadeiros sentimentos, o vosso quadro não é o do hymeneo. »

— Meu rico senhor, lhe responde o artista, aconteceu o que eu tinha previsto. Hoje o hy-

meneo se acha no meu quadro mais aformoseado pela vossa imaginação, e era isso o contrario ha tres mezes quando pela primeira vez vol-o apresentei. A minha pintura, meu rico senhor, não mudou, o que mudou foi a vossa imaginação: naquelle tempo ereis amante, hoje sois marido.

A. P.

CHRONICA DA QUINZENA.

Em virtude da crise climaterica, que de tempos á esta parte se vai operando na nossa atmosphera, o verão (estyllo official), foi decididamente chamado ao ministerio, e fiel aos usos constitucionaes, apresentou o seu programma ha dias passados; infelizmente não temos a esperar conciliação nem tolerancia; e, a ser exacto, que os programmas agora fallão verdade, creio que o novo ministro da estação se prepara á tratar-nos com toda a severidade e todo o rigor de seus raios solares.

Os nossos habitos, os divertimentos publicos, e a maneira de viver da alta sociedade já se resente dessa mudança da quadra. Os bailes annunciação as suas despedidas por este anno, os theatros começam á ficar desertos, e muito breve os salões terão de ver as suas flores mais mimosas fugir-lhe umas após outras, como uma rosa que se desfolha, e á que o vento vai levando uma á uma as folhas que se desprendem.

Entretanto tudo neste mundo tem uma compensação: passou a quadra dos salões, dos brilhantes soirées, mas ahí vem o tempo dos idylls, dos passeios campestres e das bellas noites, passadas ao relento, sobre a relva do jardim. O campo nos sorri entre os verdes, e nos acena de longe com as sombras de suas arvores, com o ar puro e fresco de suas manhãs.

Não ha ahí a fascinação do baile, nem a alma vive tão agitada e tão cheia de emoções; porém o espirito é mais calmo, a existencia mais doce, e o socego mais tranquillo.

Nessa mudança geral, tambem a moda, a deusa dos caprichos, já começou a sentir a influencia da nova estação, e trocando suas sedas brilhantes pelas gazes ligeiras e diaphanas, vai tomando uns ares de sylphide que me agradão muito mais do que estes pesados toilettes, que tem habili-

como lhe chamou alguém, — á um rosto e um vestido. Còsto muito mais da moda que põe em voga os alvos roupões de canibraia, as mangas de renda, os vestidos decotados, uma simples flor por toucado, e uma fita ligeira por enfeite. Então uns olhos curiosos e bregueiros podem admirar muito primor, que o inverno, como um velho rabugento, crestaria com o seu bafo humido e glacial, mas que nada tem a temer dos beijos tepidos das brisas do estio. É especialmente n'um toilette, de manhã de verão, que a moda revela o seu grande poder: quanta graça e quanta faceirice não ha nesta linda combinação da natureza em todo o seu luxo, com a arte em toda a sua simplicidade!

Digão o que quizerem; entre o verão, este menino preguiçoso, e o velho reumatico á que chamão inverno, prefiro o primeiro com a sua indolencia, seus movimentos languidos, com seus amores voluptuosos e suas modas ligeiras e aerias. Não sei se terei muita gente do meu gosto: mas estou certo que aquelles que tem uma alma ardente, e vinte annos de idade, serão de minha opinião.

Entretanto, apesar da mudança que vai transformando a face dos salões e dos divertimentos, ainda ha por ahí um ou outro baile, e o Provisorio que resistindo ao clamor geral prosegue impavidamente na sua missão de estragar o gosto da musica italiana nesta córte, — e continúa tres vezes por semana as suas sabbatinas, do *Atila*.

Tenho ouvido muito argumento forte e convincente á respeito do fechamento do theatro, mas não quero me metter em semelhante questão, porque, a fallar a verdade, creio que a minha vontade não andaria muito de accordo com a minha razão. Que fazer! todo o homem tem seu fraco: o meu é gostar de aturdir os ouvidos com a musica, fascinar os olhos na luz de outros olhos, e com os sentidos, assim insensibilizados, deixar o espirito correr á largas.

Com isto não quero dizer que não haja razão para fechar-se o theatro: ha razão de sobra para os outros; para mim não, porque, enquanto houver para meus ouvidos uma nota de musica, e para meus olhos um raio de luz, — irei procurar o meu prazer, — embora traga uma decepção.

Basta sobre theatro: deixemos a sorte decidir se as portas do Provisorio se fecharão: ha muita cousa mais interessante, com que podemos occupar a nossa attenção.

Segunda feira, 28 deste mez, faz o *Cassino* a sua despedida por este anno. Creio que nem uma das pessoas que o costumão frequentar, deixará de ir dizer o seu adeus ao baile aristocratico, — e por isso tenho esperança de que esta noite compensará a do baile passado, em que vi muita frieza e muita gente triste e desconsolada a procurar com os olhos... o que?... um rosto conhecido de certo, e talvez uns olhos azues, uns cabellos negros, um penteado favorito.

A noite deve ser, portanto, muito bella: creio mesmo que uma nuvem negra, que ás vezes lhe annuvia o Céu se ha de desvanecer, senão de todo, ao menos quanto baste para deixar ver em todo o seu brilho a mais bella estrella da noite. Não sou bom astrologo: mas parece-nos que o meu calculo se ha de realizar.

Peço-vos, minhas leitoras, que não procureis aprofundar muito este mysterio: fatigariéis o vosso espirito sem resultado, não só por ser incomprehensivel, como, porque ainda que quizesse não vos saberia dar a explicação: apenas posso dizer-vos que tem um nome, e que este nome, como dizia, Milton, se exhala n'uma nota do rouxinol: —

« *Here nome is in a note of the nyhtigale.* »

Deixemos porém os mysterios, e vamos ás realidades da vida.

Com a entrada do verão tornão-se agradaveis os passeios da tarde, ao pôr do sol, e especialmente a beira do mar, onde se pôde sentir as exalacões humidas e salinas das ondas, e os sopros da viração, que aspiramos com tanta satisfação nos dias de calma. Pois bem, quero dar-vos um conselho; — nós temos um Passeio Publico, arruinado, que vive entregue ao deleixo e ao máo trato: — é indigno de certo, como obra d'arte, de uma cidade da importancia da nossa, entretanto porém a situação é magnifica, e a vista que se desenha no horisonte é a vista da nossa bella bahia, uma perspectiva mais lindas da natureza: — o mar se estende diante de vossos olhos, e o Céu, o nosso bello Céu de azul, nos serve de docel: — é, portanto, apezar de tudo, um bello passeio, onde ha arvores, sombras, frescura, e uma bella vista. Porque, em vez de

vos fechar na vossa carruagem, e de vos reclinar mollemente sobre as almofadas, suffocada pela^s nuvens de pó, que turbilhão pelas ruas do Catete e do Botafogo, não aproveitais as tardes limpidas e serenas para ir tranquillamente respirar um pouco de ar puro e gozar de um bello passeio? Parece-me que se fizessis uma pequena conspiração neste sentido, — não só vos não haviéis de dar mal com o meu conselho, como além disso nos farieis um grande bem. Por vossa causa havião de cuidar nos melhoramentos do Passeio, havião de transformar aquellas ruas feias em bellas alamedas; e tornarião aquelle logar um pequeno Eden: — tudo por vossa causa, porque é por vossa causa que se tem feito e se hão de fazer todas as grandes cousas deste mundo. Lembrai-vos, que Voltaire disse, não especialmente de nós, mas do amor, que é a vossa arma e o vosso condão: —

*Qui que tu sois, veici ton maitre,
Il le fût, il l'est, ou doit l'être.* »

L.

Anecdota.

Um sujeito estando uma noite a ler um tratado de phisionomias, achou nelle, que a testa pequena era signal de pouco juizo. Quiz ver como era a sua, e chegou-se ao espelho com uma vela acceza, mas com tão pouca cautela, que lhe pegou fogo no cabello, e queimou-se muito. Foi logo d'ali escrever á margem do livro esta nota — *Está provado.*

CHARADA.

Olhe bem p'ra o seu nariz	2
Se é cilindrico assim faz	2
Refresco á feia, á bonita,	
Ao velho ginja, ao rapaz.	

A charada do n.º 47 é: *Couve-flor.*

Acompanha este n.º 48 um padrão de moldes e bordados.